

OS ESPANHOIS GANHARAM O 3.º PORTUGAL- -ESPANHA

SE algum mestre de xadrez, que desconhecesse os jogadores, ignorando a nacionalidade de cada um, entrasse, por volta da meia noite da quarta-feira, na vasta sala da Sociedade de Geografia onde se realizou o 1.º turno do 3.º Portugal-Espanha, de certo hesitaria em distinguir as equipas, e, até, vaticinar o resultado final do encontro!

Significa isto que os portugueses continuam a equiparar-se aos espanhóis nas primeiras três horas de jogo, sem que, na feição das partidas se note qual dos lados leve vantagem ou qual jogou melhor dentro do princípio da teoria e da técnica.

Verdade seja que nos dois últimos tabuleiros, os nossos patenteram menores recursos no capítulo das aberturas, e que, salvo Fuentes, todos os espanhóis obtiveram sólidas posições desde o início.

Especialmente Perez, Albareda e Rico, que jogavam respectivamente contra Lupi, Encarnação e Dorez, lograram tirar o máximo partido de jogar com as brancas, tomando logo a iniciativa das operações. Alexandre Gonçalves foi dos jogadores portugueses que jogaram com as pretas o que menos se interessou na abertura, mas é indubitável que Toran não foi tão perfeito como os outros.

A prematura proposta de empate, ao cabo de 17 lances apenas, demonstrou que o jovem espanhol se sentia pouco confiante e inseguro. Gonçalves também não se quis aventurar em busca de uma vitória problemática e achou prudente aceitar tablas.

(Continua na página 14)



1 — O excelente jogador português Francisco Lupi na partida contra o campeão espanhol Perez. — O fenómeno Pomar em frente do fenómeno português Ribeiro



Foto HERMANN

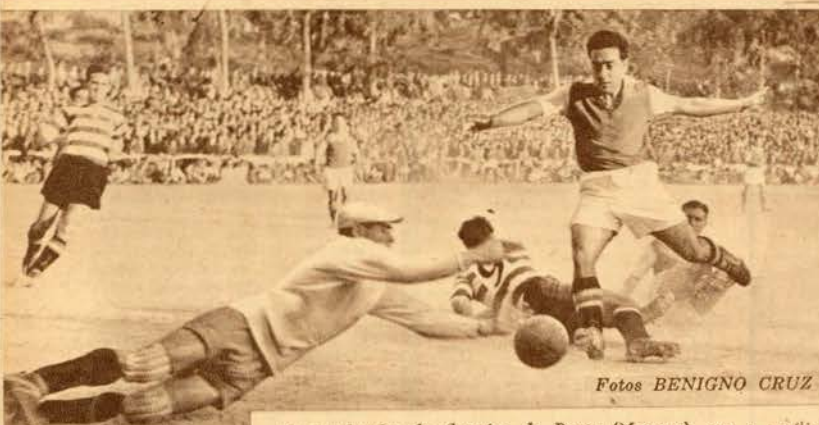
O recurso da defesa passar ao guardaredes dá sempre resultado. Desta vez, Armando não pôde intervir...

O ESTORIL CONSEGUIU CONTRA O BOAVISTA UM BOM RESULTADO

Armando, com oportunidade, remata de cabeça o golo do Boavista



Ramos, do Boavista, procura interceptar o remate de Raul Silva, do Estoril



Fotos BENIGNO CRUZ

O guardaredes do Sporting de Braga (Marques), com o auxílio do seu defesa, livra-se de Peyroteo, já estendido por terra. Vasques observa os acontecimentos...



E Azevedo foi batido. E' o golo da vitória de Braga marcado por Mário

EM BRAGA DEU-SE A 1.ª DERROTA DO SPORTING



Uma situação arriscada para Azevedo — que dá a impressão de já não ter salvação possível neste lance... Frederico acorre mas Morcira desvia e desequilibra-o!

O III Portugal-Espanha em Xadrez

(Continuação da pág. 12)

Além de Leonel Pias — que rapidamente se desmbarçava do adversário, esmagando-o com a sua tática futebolística de avançar 5 peças em linha até à 4.ª travessa — o xadrezista lusitano que melhores perspectivas criou, na primeira vintena de lances, foi Hélder Sardinha, o único que não obteve ainda o título de Mestre da F. P. X. José Sanz que não há meia dúzia de anos ostentava o título de campeão de Espanha, não se impressionou, contudo, e pacientemente esperou a sua oportunidade. A experiência levou de vencida a habilidade do jovem campeão do «I. S. Técnico», que não soube opor travão ao contra-ataque, deixando-se influenciar

pela escassez de tempo de reflexão.

Outros jogadores que experimentaram a angústia do tempo foram Pomar e Lupi. Ambos perderam. O primeiro, quando as coisas tinham piorado — e o segundo, pelo contrário, quando a feição da partida lhe deixava mais «chances» de se libertar do bloqueio... João Mário Ribeiro — que sempre tem defrontado Arturito Pomar, as primeiras vezes por acordo prévio, mas agora por simples coincidência, — jogou no seu estilo característico que lembra vagamente Capablanca...

O dr. Encarnação foi um digno adversário do fogoso Albarreda. Durante algum tempo predominou a impressão que conseguiria empatar. A partida não terminou na sessão inaugural, prosseguindo

no dia seguinte. Venceu o espanhol, no 64.º lance, após 6 horas de reñido jogo.

José Soares começou mal, dando azo a que o espanhol debilitasse a estrutura de peças na ala da Dama, o que tornou ingrato o desenvolvimento do jogo para o português.

Marçal Rocha jogou dentro da sua toada habitual, que o xadrezista espanhol soube explorar com mestria.

O 1.º turno do «match» foi desvantajoso à equipa nacional por 5,5 2,5.

A segunda volta

No Casino de Póvoa de Varzim, onde se efectuou a final do torneio luso-espanhol, Francisco Lupi

e Arturito Pomar desforraram-se das derrotas sofridas em Lisboa, demonstrando-se que qualquer deles é adversário para o outro.

O mesmo confronto devem sofrer Gonçalves e Toran, que empataram de novo, e Rocha e Junco, que inverteram o resultado da 1.ª sessão.

Sómente Soares não foi capaz de evitar a segunda derrota, frente ao fortíssimo jogador asturiano. Sardinha empatou com Sanz, atenuando assim, um pouco, a sua infeliz actuação no primeiro jogo.

Leonel Pias não pode repetir a vitória da 1.ª volta, perdendo frente ao madrileño Fuentes.

O resultado final do encontro foi favorável aos espanhóis por 10,5-5,5 pontos, que é o melhor con-equido pela selecção nacional, visto que no primeiro torneio perdemos por 12,5 3,5 e no segundo por 11-5.

Vasco C. Santos

(Continuação da página 4)

Registamos o facto com agrado, tanto mais que não é muito vulgar um procedimento semelhante.

A entrevista prossegue:

— Porque foi para o Belenenses?

— Três palavras chegam para satisfazer a sua curiosidade: Nasci em B. lém... Foi este, de facto, a razão principal da minha ida para o Belenenses. Cresci e fiz-me homem, admirando sempre os «cazes» do passado — Artur José Pereira, Augusto Silva, César de Matos, José Simões, Rodolfo, Bernardo, Mariano Amaro e muitos outros que deram ao meu clube tardes de inolvidável glória... Não poderia, portanto, representar outra colectividade... Lá comeci e lá espero terminar a minha vida de jogador.

— Depois das suas palavras, é escusado perguntar-lhe se se sente bem no Belenenses... Não é verdade?

— Não há dúvida que todos somos amigos, e que nem uma nota discordante se regista. Eu mesmo não concebo que, uma equipa de futebol, onde é necessário haver união e lealdade absolutas, existam, entre os seus onze elementos, desentendimentos e atritos prejudiciais.

José Sériô fala-nos, agora, dos seus companheiros de equipa, das suas virtudes e da boa amizade que os une. Chega a vez do Mariano Amaro e o guarda-redes «azul» diz-nos da sua muita amargura pelo afastamento forçado do valoroso «internacional»:

— Era um grande «capitão», um excelente camarada e, mais do que tudo, um amigo dedicado e leal, que tinha sempre para nós uma palavra de estímulo, uma expressão de encorajamento, quando, em campo, o desânimo nos atingia.

«Com o abandono de Amaro, o Belenenses e o próprio futebol, perderam um dos seus elementos mais brilhantes e dignos.

Azevedo

A conversa, dirigida pelo nosso entrevistado, foca vários assuntos e realça, finalmente, num ponto que também desejávamos conhecer: a opinião de José Sériô

José Sériô

sobre o valor dos outros guarda-redes.

Essa opinião surge-nos com a frequência habitual:

— Azevedo é ainda, no meu entender, o n.º 1. Apesar de tudo quanto se possa dizer, quanto à idade e à quebra de recursos físicos, o leão do Sporting continua a manter o segredo de estrair as bolas, defendendo remates que levam o «rótulo de gol»...

«Depois dele, Barrigana e Correia são, quanto a mim, os jogadores portugueses que melhor actuam entre os postes.

— Jogou sempre a guarda-redes?

Sériô mostra-se surpreendido com a pergunta, mas não demora a responder:

— Nunca experimentei outro lugar e suponho mesmo que não me adaptaria. De resto, a experiência ensina-nos que, raras vezes, um jogador troca o posto de guarda-redes por qualquer dos outros dez. Nós, os homens das balizas, somos muito «conservadores»...

Os elementos-coligidos chegam bem para a entrevista. Sériô, porém, vai-nos fornecendo mais alguns dados curiosos, que apontamos, porque são «sublúneos» de interesse.

Assim, sublinhamos que na carreira do jogador «azul» não há ainda, nem tardes de grande alegria nem momentos de desoladora amargura; que Araújo é o avançado que mais recebe; e que, embora se sinta mais à vontade ao defender bolas rasteiras, não tem grande medo, quando elas vêm por alto, ou mesmo a «meia altura»...

— O pior — diz-nos Sériô — é quando está escritos que «elas» devem entrar...

— Quanto a profissionalismo?

— Concordo inteiramente com ele, desde que seja bem regulamentado e cumprido honestamente, por parte dos clubes e dos atletas. A situação em que actualmente vivem os jogadores não deve manter-se por muito tempo. Há necessidade de estudar uma nova modalidade, atacando o pro-

blema a fundo, sem contemplações e com os olhos postos no interesse do futebol nacional.

«Da parte dos jogadores, creio que há o mais sincero desejo de ver o assunto resolvido com brevidade, pois a questão, tantas vezes debatida, continua insolúvel. Espero, porém, que isso se resolva, antes de eu abandonar a bola...

Concordamos com a argumen-

tação, ponderada e lógica de José Sériô. A entrevista teria, assim, um ponto final condigno, mas o nosso interlocutor ainda acrescentou:

— O profissionalismo não exclui o amor ao clube que se representa. Podemos ganhar o dinheiro com a nossa actividade e, ao mesmo tempo, «sentir» a camisola que vestimos...

«Ao contrário do que muita gente julga, não há incompatibilidade entre as duas coisas...

Monteiro Pegas



**PNEUS
E
CAMARAS DE AR**

MABOR

**Produção da
MANUFATURA NACIONAL
DE BORRACHA**



Rescaldo do 3.º Portugal-Espanha

HÀ derrotas que não têm o mesmo significado amargo da sujeição inexorável do mais fraco perante a superioridade do mais forte. O resultado do 3.º Portugal-Espanha em Xadrez está neste caso.

Perder com a equipa nacional de Espanha por uma diferença de 5 vitórias, obtendo um terço das possíveis, é um resultado que, longe de nos diminuir, quase nos honra!

Para nós, o que mais nos aprazou observar no *match*, foi que os melhores jogadores espanhóis não conseguiram levar a melhor com os nossos melhores, também. Nos quatro primeiros tabuleiros registaram-se uma vitória para cada lado, excepto num, em que ambas as partidas ficaram empatadas.

Lupi é tão bom ou melhor ainda que Perez — campeão de Espanha! E Ribeiro é um jogador mais completo, mais perfeito do que Pomar! Leonel Pias, em genialidade, pode sofrer confronto com os melhores xadrezistas ibéricos. E Gonçalves provou não ser inferior à grande revelação da mocidade espanhola — Toran!

Consigamos dez jogadores como Ribeiro ou Lupi — e a causa do xadrez português estará ganha.

A sessão da Póvoa de Varzim foi presenciada por muitíssimo mais público do que a de Lisboa. Os nortenhos, aos quais é tão raro oferecer pugnas internacionais, sabem corresponder com o seu apreço a todas as iniciativas feitas nesse sentido. Foi pena, por isso, que os xadrezistas portugueses integrados na equipa, não tivessem podido repetir a boa actuação do turno disputado na capital.

Leonel Pias, vencedor fácil na primeira volta, foi surpreendido pelo excelente jogo praticado por Fuentes, consentindo uma interessante combinação que ditou a sorte da partida. João Maria Ribeiro poderia repetir a sua proeza do «match» anterior, em que conseguiu uma vitória e um empate, se não fora a sua maior dificuldade de sempre: jogar «apertado» pelo tempo. De certo tirará vantagem do treino de partidas «ping-pong».

Alexandre Gonçalves conduziu uma «siciliana» com as brancas, sem grandes rasgos, pois Toran

replicou com acerto. Ambos se estrearam como «internacionais» e tiveram como preocupação predominante não perder.

O dr. Encarnação sofreu nova derrota, esta mais nítida, pois Albarreda dominou sempre as casas críticas do tabuleiro, numa notável demonstração de jogo tático.

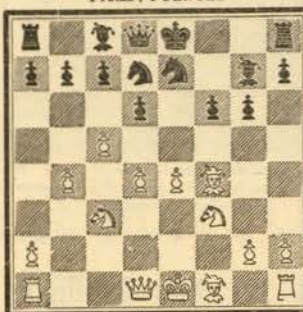
Dos lisboetas, na 2.ª sessão, só J. Dóres perdeu, sendo flagrante a sua falta de preparação. A sua inclusão na equipa justificava-se, no entanto, pois dera boas provas na época passada e empatou recentemente com o dr. Bernstein.

A vitória mais sensacional pertenceu a Francisco Lupi, que, explorando magistralmente um lance fraco na abertura, logrou bater o campeão de Espanha em 26 lances! Sob o ponto de vista posicional, é uma das mais bonitas vitórias de Lupi. O triunfo inesperado de Marçal Rocha, quando a sua posição era já quase desesperada, teve origem num lapso do espanhol, bem explorado pelo nosso compatriota. O meritório empate que Helder Sardinha impôs ao ex-campeão de Espanha, José Sauz, consagrou definitivamente o jovem campeão do I. S. Técnico — talvez um futuro campeão de Portugal!...

Vasco C. Santos

Um «Instantâneo» do 3.º Portugal-Espanha

Pretas: FUENTES



Brancas: L. PIAS

Nesta bizarra posição (compare-se com a fotografia publicada no nosso último número), Leonel Pias tinha acabado de jogar 9. Pst-c5, a que Fuentes replicou com pelo toma peão. O efeito foi desastroso... para as cores espanholas é claro. Veja o leitor como se ganha uma «torre»... ou a «Dama» — e como os «mestres» também erram!

No próximo número

de 10 de Novembro

publicamos a Separata a cores da Seleção Nacional que em 1947 venceu a Espanha por 4-1

Aos nossos Agentes e compradores recomendamos que façam desde já os seus pedidos à Administração da «Stadium», Rua da Rosa, 252

Segunda Divisão

Eis os resultados da última jornada:

Casa Pia....	0 —	Cuf Barreiro. 1
Oriental....	2 —	C. Piedad.... 5
Luso Barreiro	1 —	Montijo.... 0
F. Benfica...	0 —	Barcelense... 0
Sanjoanense.	2 —	Famalicão... 2
Vianense....	4 —	Sp. Fafe.... 1
Oliveirense...	1 —	Vila Real.... 0
Académico...	4 —	Leixões.... 7
Navel....	0 —	Académico... 4
G. Alcobaca	3 —	C. Branco... 1
Leões....	0 —	Acad. Viseu... 2
Un. Coimbra	3 —	Ferrovários... 1
U. Montemor	2 —	Portimonense 0
Campomelhor	5 —	Desp. Beja... 4
Sp. Farense...	3 —	Portalegrense 1
B. Esperança	5 —	Moura.... 2

Duas equipas obtiveram excelentes triunfos «fora de casa»: Académico de Viseu e Desportivo da Cova da Piedade. Os beirões marcham orgulhosamente na vanguarda da classificação, na sua série, com 2 pontos, e seguram-nos com a ideia firme de se não deixarem surpreender. A equipa do lado lá do Tejo, algumas vezes apanhada em falso, desforrou-se no domingo contra um adversário de bom quilate: — o Oriental.

Nos outros campos, os resultados foram mais ou menos normais, salvo

a vitória do Farense contra o Portalegrense. E' certo que alguns grupos categorizados cederam pontos no campo dos adversários. Isso, porém, não pode surpreender.

Concluiu-se a primeira Volta, com as equipas assim colocadas:

Zona A — 1.ª Famalicão e Vianense, 10 pontos; 3.ª Oliveirense e Leixões, 8 p.; 5.ª Vila Real, 7 p.; 6.ª Académico do Porto, 6 p.; 7.ª Sanjoanense, 4 p. e 8.ª Sporting de Fafe, 2 p.

Zona B — 1.ª Académico de Viseu, 12 pontos; 2.ª Académica de Coimbra, 10 p.; 3.ª Leões de Santarém, e União Coimbra, 8 p.; 5.ª Alcobaca, 5 p.; 6.ª Castelo Branco, 6 p.; 7.ª Naval da Figueira, 3 p.; e 8.ª Ferroviários do Entonamento, 2 p.

Zona C — 1.ª Oriental e Cova da Piedade 10 pontos; 3.ª Cuf do Barreiro 9 p.; 4.ª Barreirense 8 p.; 5.ª Montijo 7 p.; 6.ª Futebol Benfica e Luso do Barreiro 6 p.; e 8.ª Casa Pia, 0 p.

Zona D — 1.ª Portimonense e Portalegrense 10 pontos; 3.ª Desportivo de Beja e Boa Esperança 8 p.; 5.ª Farense e União de Montemor 7 p.; 7.ª Campomelorense 6 p. e 8.ª Atlético de Moura 0 p.

CICLISMO

Nova vitória de Império dos Santos

OS 120 quilómetros do «Circuito da Lourinhã», organizado pelo Atlético local, foram percorridos em 4 horas e 15 segundos pelo valeroso corredor do Benfica, Império dos Santos, que voltou a fazer alarde da sua magnífica forma, triunfando com muito merecimento, e com cerca de 5 minutos de avanço, sobre o pelotão comandado pela sua colega de equipa António Maria.

As vitórias do apreciado corredor, desde que terminou a Volta a Portugal, têm provocado justificado entusiasmo, criando à volta do seu nome uma aureola de prestígio que se reflete na popularidade que já alcançou.

As dificuldades do percurso, nas quais se salientava a subida do Perdígão, tornaram a prova dura o que, de certo modo, justifica que a média horária não fosse famosa.

Foi precisamente nesta subida que na 4.ª volta Império dos Santos fugiu do pelotão, ganhando avanço apreciável, que rápida-

mente foi aumentando até entrar destacado na meta.

António Maria creditou-se no segundo posto da classificação, seguido de Manuel Jorge, do Sanjoanense e de Júlio Mourão, também da equipa do Benfica.

Os encarnados ganharam por equipas, conquistando a «Taça Câmara Municipal da Lourinhã», cabendo a «Taça Grémio da Lavoura» ao Desportivo da Malveira, graças à boa classificação de Túlio Pereira e de José Ferreira, que entraram em 5.ª e 7.ª lugares.

As voltas foram ganhas: por Guilherme Jacinto, a primeira, e as restantes por Império, o que avolumou os prémios conquistados pelo Benfica.

Houve apenas uma desistência — a de Onofre Tavares.

O público acompanhou a prova com interesse e lamentou a ausência dos corredores «leoneses», que, segundo nos informam, deram por finda a temporada.

A. T.

ALMANAQUE DOS DESPORTOS

340 PÁGINAS
200 GRAVURAS

E' definitivamente posto à venda no princípio do próximo mês

PREÇO DE CAPA — ESC. 40\$00

Pedidos à Administração da STADIUM — Rua da Rosa, 252

LISBOA — Telefone 31187